

EDITORIAL:

UMA SAÚDE ANTROPOLOGICAMENTE COLETIVA

A Revista Pós tem passado por intensas transformações nos últimos anos. Da diagramação à regularidade de suas publicações, da identidade visual ao uso das redes sociais, a revista tem conquistado mais espaço e visibilidade – o que só foi possível pela dedicação e pelo compromisso voluntário de editores/as-chefes e editores/as executivos/as. Desde 2024, em especial, dando continuidade aos passos firmes das gestões anteriores, a revista tem buscado aprimorar a qualidade de seus processos com a adoção de modelos de submissão e critérios de avaliação de artigos e resenhas.

Como reconhecimento desse esforço coletivo, ressaltamos o recebimento do selo “Revista Diamante” por práticas de ciência aberta pelo Miguilim - Diretório das revistas científicas eletrônicas brasileiras/Ibict e a indexação no Directory of Open Access Journals (DOAJ), um desejo nutrido havia algum tempo.

Além de fundamental para comunicar essas novidades, passamos a incluir no Instagram da revista (@revistaposunb) as fotos das pessoas autoras, de modo a “dar uma cara” para os nomes e suas instituições acadêmicas, o que contribui para mostrar a diversidade de quem produz conhecimento com a revista.

Reafirmamos o compromisso de nossa política de ações afirmativas em 2024 com a reestruturação do Banco de Pareceristas Negros/as. Composto a partir de uma chamada pública, o banco é um mecanismo importante para diversificar quem participa da avaliação dos artigos submetidos. Os critérios de gênero, raça e regionalidade ganharam, assim, mais força no processo de produção de conhecimento da Revista Pós.

No início de 2025, recebemos convites para participar da Semana de Sociologia, organizada pelo PPGSOL, e da Recepção de calouros/as do PPGAS, onde tivemos a oportunidade de apresentar o periódico junto à comunidade do Instituto de Ciências Sociais.

E é com a disposição de quem carrega na bagagem as ferramentas para percorrer caminhos futuros que apresentamos o novo dossiê “Uma Saúde Antropologicamente Coletiva: Monografias, dissertações e teses das Ciências Sociais da Saúde”. Organizado por Ana Paula Jacob, Laura Coutinho e Caroline Franklin, o dossiê reúne trabalhos de estudantes, pesquisadores e professores que têm em comum a passagem pelo Coletivo de Antropologia e Saúde Coletiva (CASCA) da UnB.

Saúde tem se firmado como uma temática relevante para os debates interdisciplinares publicados na Pós - Revista Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Em cinco anos, este é o quarto dossiê na temática, depois de Corpografias: narrativas a partir da saúde e do adoecimento - v. 16 n. 1 (2021); Fazer antropologia em tempos pandêmicos: narrativas de povos e comunidades tradicionais e de periferias urbanas sobre a pandemia Covid-19 - v. 16 n. 2 (2021); e Gênero, Cuidado & COVID-19 - v. 17 n. 1 (2022). Enquanto os desafios de atravessar a pandemia de covid-19 deram as motivações para os três dossiês citados, Uma Saúde Antropologicamente Coletiva: Monografias, dissertações e teses das Ciências Sociais da Saúde traz a proposta de debates plurais que envolvem raça e currículo acadêmico, práticas religiosas e tradicionais no cuidado em saúde, a produção científica em torno da epidemia do Zika no Brasil, além de um debate mais localizado na relação entre antropologia e saúde pública, a partir da produção do Coletivo de Antropologia e Saúde Coletiva (CASCA). Diante disso, recomendamos a leitura do texto de apresentação e dos artigos que compõem o dossiê.

Na seção de artigos livres, encontra-se o artigo de Rocheli Koralewski e Luís Fernando Santos Corrêa da Silva, intitulado “Emprego verde: aliado ou algoz da juventude brasileira?”, que busca compreender a relação dos/as jovens com o trabalho em um contexto de alerta em relação à crise ambiental. Desse modo, a partir de análise documental e de conteúdo, os autores concluem que o emprego verde pode ser um instrumento importante na luta contra o desemprego, e não um algoz para a continuidade da lógica exploratória.

No artigo de Lucas Jaime Indi, “Environmental governance in the Anthropocene: the case of nalus as an arena of ontological conflict”, o autor examina a construção de um projeto de preservação ambiental em

Cantanhez, na Guiné-Bissau, e como esse projeto se enquadra em um contexto estrutural de interesses econômicos e ideológicos que geram conflitos entre diferentes perspectivas sobre a utilização da natureza.

Posteriormente, o artigo “Um esboço sobre o anticomunismo no campo da segurança pública”, de Lucas Assis Souza, tem por objetivo discutir a perspectiva do anticomunismo no campo da segurança pública brasileira como uma “ferramenta” que atua no endurecimento do combate ao crime e na militarização das políticas. Esse fenômeno, segundo o autor, dificulta o sucesso de políticas públicas voltadas para os direitos humanos, para a redução de danos e para a própria democracia no Brasil. O autor conclui que o anticomunismo se insere nas disputas políticas no âmbito da segurança pública, operando na formulação de políticas e nos modos de atuação das forças.

Na sequência, o artigo de Larissa Neves da Costa, cujo título é “O outro e não eu: mulher negra, memória e a alteridade do ser”, parte das contribuições de Lélia Gonzalez para pensar a produção antropológica brasileira como forma de tecer uma análise da experiência da mulher negra no Brasil. A autora, de forma perspicaz, recorre ao conceito de memória para refletir sobre a situação da mulher negra brasileira como um itinerário atravessado pela subjugação na formação do pensamento social brasileiro, pela construção de uma memória excludente e eurocêntrica, além de outras e diversas formas de violência que marcam a experiência de existir dessa população.

Por fim, neste número, publicamos três resenhas. A primeira é “América Latina ‘fora do armário’: resenha do livro *Lesbian, Gay, and Transgender Athletes in Latin America*”, de Gabriel Felipe Silva Coelho e Doiara Silva dos Santos. Em seguida, encontra-se a resenha de Ivis Fabiano Chagas Lima, intitulada “*Encruzilhando saberes e práticas pedagógicas: um diálogo possível entre terreiros e universidades*”, sobre o livro *Pedagogia do Ebo: Horizontes possíveis para a universidade a partir de mulheres de axé* (Beatriz Martins Moura, Apris, 2025). Ao final, temos a resenha de Thayla da Silva de Oliveira, cujo título é “*Desracialização e seus paradoxos: enfrentando o racismo no Norte e Sul global*”, acerca do livro *Futures of Anti-Racism: Paradoxes of Deracialisation in Brazil, South Africa, Sweden, and the United Kingdom* (Nikholay Zakharov, Shirley Tate, Ian Law e Joaze Bernardino-Costa, Palgrave Macmillan, 2023).

Agradecemos a todos/as os/as autores/as, pareceristas, editores/as e ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília que contribuíram para a construção deste número. Desejamos a todos/as/es uma ótima leitura e convidamos a acompanhar a Revista Pós e seus aprimoramentos de perto.

MATHEUS FELIPE GOMES DIAS (EDITOR-CHEFE)
ORCID: 0000-0001-5953-0856

JOÃO MIGUEL D. DE ARAÚJO LIMA (EDITOR EXECUTIVO)
ORCID: 0000-0002-4768-7589